

O BASQUETE NO PAÍS DO FUTEBOL

ESTRÉIAS PRECÁRIAS

BENOIT GAUDIN*

RESUMO

Este artigo apresenta-se como uma primeira abordagem da atividade "basquete" no Brasil, do ponto de vista das ciências sociais. Para além dos resultados esportivos obtidos em competições nacionais e internacionais, tenta-se estabelecer elementos de uma sociologia, mas também de uma geografia desse esporte colectivo que nunca se tornou um esporte de massa. O artigo aponta algumas razões para explicar essa posição de segundo plano do basquete no campo esportivo brasileiro.

ABSTRACT

This article focuses on sportive activity "basketball" from the social sciences' point of view. Far from the emphasis on the results obtained in national and international competitions, this paper aims to set the grounds for defining some elements of a sociology and a geography of this collective sport that has never become massive. It points out some reasons that explain this secondary position of basketball in the brazilian sportive field.

* Doutor em sociologia-antropologia pela *Université de Provence Aix-Marseille I*. *Maître de conférences* no Departamento de Educação Física e Esporte e pesquisador no *Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines da Université de Versailles Saint Quentin en Yvelines*.

Inventado em 1891, o basquete chega ao Brasil em 1894, nas bagagens do nova-iorquino, August Shaw, formado em História da Arte, em Yale, e contratado naquele ano por uma universidade particular de São Paulo, a Universidade Mackenzie.¹ Nem a bola que ele traz, nem o novo jogo que ele apresenta fazem sucesso entre seus estudantes, que criticam o jogo por não ser suficientemente viril. As regras que James Naismith concebeu e imaginou para limitar o contato e, por conseqüência, para restringir a expressão de qualquer violência interpessoal entre os jogadores, não correspondem ao *ethos* dos jovens das classes dirigentes de um país com estruturas coloniais fortemente desiguais: acostumadas a dirigir, a mandar e a reprimir toda forma de oposição, as elites brasileiras não têm ainda, à época, a ética do respeito ao adversário necessária à prática de uma atividade tão policia-da. O futebol, importado no mesmo ano (1894), na mesma cidade, também não recebe, imediatamente, a estima dos filhos das elites dirigentes. Eles resistem especialmente a se entregar aos gestos que eles julgam afeminados, como os "saltinhos" necessários à disputa das bolas no alto. Será necessário o espetáculo de várias partidas entre as primeiras equipes de jogadores britânicos expatriados, para ganhar a adesão dos jovens brasileiros.

Ao contrário do futebol, o basquete não se beneficia da presença de uma forte comunidade da

nação mãe. Essa primeira desvantagem em relação ao futebol foi reforçada pela apropriação da atividade pelas mulheres. De fato, os gestos que correspondem tão pouco aos costumes desses rapazes, encontram bem mais sintonia com as maneiras de fazer femininas (especialmente o desvio do contato). A apropriação precoce do jogo, pelas mulheres, reforça, ainda mais, a desconfiança dos rapazes com relação a essa atividade; e August Shaw só conseguirá montar uma equipe masculina, após quatro anos de esforço, em 1896. Mas, contra quem ela jogaria?

Durante quase 20 anos, o basquete brasileiro "não decola". De forma significativa, ninguém sente a necessidade de traduzir as regras em português, antes de 1915. A ascensão do basquete no Brasil só começa realmente em 1913, dessa vez no Rio de Janeiro, por ocasião da visita de uma equipe chilena de futebol, convidada por um dos primeiros clubes esportivos do país, o *América*

Futebol Clube. A história não diz se os chilenos ganharam o jogo, mas a necessidade de revanche parece se fazer sentir, já que os dirigentes do *América* aceitam emprestar seus uniformes aos jogadores de basquete de uma associação vizinha, para desafiar os chilenos nessa outra modalidade esportiva. Essa associação se nomeia ACM, *Associação Cristã de Moços*, que nada mais é que a emanção brasileira dos YMCA norte-americanos. Nesta filial carioca, praticava-se o basquete há cerca de um ano. A vitória sobre os chilenos se deu com o placar estranho de 5 a 4, e dava o tom do

que viria a ser a trajetória do basquete no Brasil: seu lugar seria complementar ao futebol e seus adversários de referência serão seus vizinhos sul-americanos. O basquete, que não “arrancava” sob a mera influência norte-americana, muito distante, muito diferente, se nutrirá das rivalidades muito mais vivazes que existem entre os países do cone sul do continente.

Infelizmente, no campo esportivo, 1913 está muito tarde para o basquete: o futebol já ocupa o lugar do símbolo da nação. Surgidos praticamente ao mesmo tempo, esportes modernos e nacionalismo se encontraram rapidamente; durante alguns anos, na virada do século, foram primeiro as atividades de duelo que simbolizaram a nação: o *boxe* para a Inglaterra, a *savate* para a França, o *judô* para o Japão, o *jogo de pau* para Portugal e a *capoeira* para o Brasil. Anos mais tarde, o futebol se apoderou desse papel de substituto guerreiro: a partir de meados dos anos 1900, com as primeiras partidas entre britânicos e “continentais”, a equipe de futebol passou a simbolizar a nação. As regras do jogo, no século XX, se tornaram a nova norma de avaliação das qualidades ofensivas coletivas das diferentes nações.

No Brasil, a dimensão nacionalista do futebol atrairá muito cedo as multidões, sobretudo nas categorias populares, que impulsionam a profissionalização (adquirida em 1933), além de introduzir seu famoso estilo de jogo, uma mistura de jogo de cintura, de finta e de arte do drible.

Essas qualidades poderiam muito bem encontrar expressão neste esporte de desvio que é o basquete. Mas, o encontro entre esse jogo e essa maneira de fazer tão tipicamente popular nunca aconteceu: inicialmente, e durante muito tempo, o basquete foi praticado sem grande entusiasmo pelas classes altas; antes de ser apropriado, com mais sucesso, porém, já na segunda metade do século, pelas classes médias das regiões desenvolvidas do país. Quanto à imensa maioria da população modesta do país, foi no futebol, no samba e na capoeira que ela investiu suas qualidades físicas de enfrentamento do adversário, de destreza corporal e de artimanha no ataque. Foi também no futebol que ela colocou suas esperanças de profissionalização.

Nesse contexto, o basquete permaneceu uma atividade esportiva entre outras, ou seja, praticada pelas categorias sociais com boa situação financeira. A história de seu desenvolvimento no Brasil é, assim, bem menos fulminante que a do futebol.

ALGUMAS DATAS

1915: primeiro torneio sul-americano, realizado pela *Associação Cristã de Moços*, com a participação de seis equipes.

1916: a *Liga Metropolitana de Esportes Atlético*s adota o basquete.

1919: primeiro campeonato reconhecido pela *Liga Vitória do Flamengo*.

1922: primeira seleção nacional (dirigida por Fred Brown) e primeira vitória brasileira na ocasião dos Jogos Latino-Americanos, confrontando Brasil, Argentina e Uruguai.

1930: primeiro campeonato Sul-Americano de Basquete, em Montevideú, no Uruguai.

1933: fundação da *Federação Brasileira de Basquete*, em 25 de dezembro, no Rio de Janeiro, após a cisão dos clubes multi-esportes, consecutiva à profissionalização dos jogadores de futebol.

Durante o período que vai até o pós-guerra, o basquete brasileiro mal vingava, praticado apenas em um pequeno número de clubes chiques do Rio de Janeiro e de São Paulo. É sustentado, à força, por alguns expatriados americanos. Um deles, Fred Brown, foi bastante ativo: contratado pelo Fluminense *Football Club*, em 1920, não somente treinou a equipe nacional, como também implantou as bases de uma organização desse esporte no âmbito do país, além de participar da formação da primeira geração de técnicos brasileiros, entre 1933 e 1936. Graças ao seu trabalho, a Federação, que levava o qualificativo um tanto indevido de “brasileira” enquanto só contava com clubes cariocas, pode tornar-se, em 1941, uma verdadeira *Confederação Brasileira de Basquete-ball* (CBB), contando com federações em diversos estados da Federação Nacional. Mesmo assim, o basquete não se difunde de maneira igual em todo o País, conforme se pode constatar, examinando-se uma cartografia deste esporte no Brasil.

A CARTOGRAFIA DO BASQUETE BRASILEIRO

A *Taça Brasil* nasce em 1965, antes de ser rebatizada de *Campeonato Nacional*, em 1990. Dos 19 clubes que a conquistaram, pelo menos uma vez, 15 estão localizados no estado de São Paulo, sendo a

maior parte deles fora da capital. Das 39 edições dessa competição, 33 foram vencidas por um clube paulista. Os outros raros clubes vencedores estão situados em estados vizinhos: Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. No basquete feminino, o quadro não difere: dezoito, das vinte *Taças do Brasil e Campeonatos Nacionais Femininos*, disputados entre 1984 e 2004, foram obtidos por clubes do estado de São Paulo, contra somente dois, por clubes do Rio de Janeiro, e nenhum por clubes do restante do País. Há uma geografia do basquete brasileiro e ela se concentra fortemente ao redor do estado de São Paulo.

O basquete nos leva, assim, a um Brasil um pouco diferente dos estereótipos tradicionais; ao Brasil do Sul da Federação: um Brasil desenvolvido, industrializado, com numerosos descendentes de imigrantes europeus. Nas cidades de médio porte dessa região relativamente rica, a vida esportiva local é estruturada e organizada principalmente por clubes; esses clubes sociais cujo modelo é o *social club* britânico, importado no fim do século XIX. No Brasil, os poderes públicos nunca construíram muitas instalações esportivas, salvo a exceção notável dos grandes estádios de futebol. Os *playgrounds* de basquete, assim como as piscinas e ginásios só existem nos recintos dos clubes privados, fechados às categorias populares. São esses clubes que estruturam e organizam a prática do basquete, geralmente com o apoio de empresários que, quase sempre, são também sócios do clube. Vínculos de sociabilidade se tecem também com as antenas locais do *Lions Club* e do *Rotary*, que dividem, freqüentemente, sua sede social com o principal clube esportivo da cidade. Os contatos entre os empresários locais e os dirigentes esportivos são importantes, o que, historicamente, facilitou o financiamento privado e a profissionalização dos jogadores.

Para essas empresas, a equipe de basquete da cidade simboliza a prosperidade da empresa, tanto quanto seu enraizamento local. Um orgulho local, um “bairrismo” se desenvolveu nessas cidades de médio porte, por exemplo, Catanduva, Ponte Preta, Franca, Presidente Prudente ou Jundiá. O basquete veicula, muito bem, uma dimensão de modernidade, de desenvolvimento, de “primeiro mundo” como dizem os brasileiros, graças à sua imagem de esporte “não-popular”, ou seja, não praticado pelos pobres (em

comparação com o futebol). Nesse sentido, o basquete aparece como um esporte “de primeiro mundo”; um esporte da modernidade e da urbanidade, que não se vê jogar em terrenos baldios nem nas praias, mas, em clubes e em salas especialmente concebidas para sua prática. Em conseqüência, fica difícil ocultar a inexistência de negros e de pobres no basquete brasileiro. Nas equipes de basquete desses clubes, há somente jovens da famosa “classe média” brasileira, que se afastam de um futebol demasiadamente popular para praticar um “esporte original”, “distinto”, que exhibe não somente suas diferenças com “o povão”, como seu status social, sem perder a dimensão coletiva dos esportes de bola.

A imagem do basquete norte-americano é, então, ambígua no Brasil: certamente, permanece a imagem do país de origem desse esporte, da NBA e do mais alto nível esportivo. Mas, é também a imagem de um basquete negro. Porém, no Brasil, o negro sendo por definição o pobre, o excluído, nessa antiga terra de escravidão, o basquete brasileiro tem dificuldade de se identificar com o basquete negro da NBA. Inversamente à imagem do negro, para o basquete americano (ou até do Pelé para o futebol), o portabandeira e símbolo vivo do basquete brasileiro é um rapaz bem alto, branco, que leva o nome germânico: Oscar Schmidt. Um símbolo em si.²

Por essa razão, a referência norte-americana é ambígua no basquete brasileiro.³ E, antes de olhar para os Estados Unidos, prefere-se virar em direção ao Cone Sul, em direção ao Chile, à Argentina e ao Uruguai, essas nações brancas do subcontinente com quem o Brasil briga, na rivalidade da modernidade, do desenvolvimento e do “primeiro mundismo”. A competição é regional, local; ela não é diretamente orientada para os Estados Unidos, inatingíveis no plano esportivo. De certa maneira, o basquete deixa de ser considerado como um esporte estritamente norte-americano, e passa a ser concebido de uma forma mais larga. A rivalidade entre os países do Cone Sul gira ao redor do conceito de “primeiro mundo”, que se exprime, freqüentemente, em termos de europeização na esfera cultural; mas que, aqui, na esfera esportiva, é veiculado por uma atividade oriunda da América do Norte.

Qual de nós é o “mais primeiro mundo”? Os

resultados das competições regionais de basquete permitem avaliar o “peso” de cada um, elaborar classificações, contabilizar as vitórias que são símbolos de uma superioridade, que ultrapassa a esfera esportiva. As competições que importam aqui são, certamente, os *Jogos Olímpicos* e os *Campeonatos do Mundo*, mas também os *Jogos Pan-Americanos* (dos quais os Estados Unidos participam, embora, nem sempre com suas melhores equipes) e, sobretudo, os *Campeonatos Sul-Americanos*, pois nessa competição os brasileiros têm maiores chances de ganhar “o ouro”, aparecer na televisão e mostrar a seus rivais sul-americanos uma imagem do Brasil diferente dos estereótipos habituais.

Jogos Pan-Americanos femininos

USA: 6 medalhas de ouro, 4 de prata, 2 de bronze
Brasil: 3 medalhas de ouro, 3 de prata, 3 de bronze⁴
Cuba: 3 medalhas de ouro, 2 de prata, 1 de bronze
Chile: 1 medalha de ouro, 1 de bronze

Jogos Pan-Americanos masculinos

USA: 8 medalhas de ouro, 3 de prata, 1 de bronze
Brasil: 4 medalhas de ouro, 2 de prata, 6 de bronze
Porto Rico: 1 medalha de ouro, 4 de prata, 4 de bronze
Argentina: 1 medalha de ouro, 2 de prata

Campeonatos Sul-Americanos femininos

Brasil: 20 medalhas de ouro
Chile: 4 medalhas de ouro
Paraguai: 2 medalhas de ouro
Argentina, Colômbia, Peru: 1 medalha de ouro

Campeonatos Sul-Americanos masculinos

Brasil: 16 medalhas de ouro
Uruguai: 12 medalhas de ouro
Argentina: 11 medalhas de ouro
Peru: 3 medalhas de ouro

Com certeza não se pode comparar o nível do basquete nacional com o dos Estados Unidos. Porém, esses resultados mostram que o Brasil está longe de ser uma “nação menor”, no mundo da bola na cesta. Figuras como Oscar Schmidt, Janet Arcain, Hortência Marcari e Paula da Silva também são emblemáticas

de um basquete brasileiro de alto nível internacional. Os resultados nas grandes competições mundiais são motivos de inveja, e não somente no Cone Sul. Sobre este ponto, poderíamos comparar o basquete brasileiro e o iugoslavo, que ultrapassa, freqüentemente, seus concorrentes regionais e que, de vez em quando, consegue se impor no mais alto nível mundial.

UM DESEMPENHO INTERNACIONAL ACIMA DA MÉDIA

Jogos Olímpicos Femininos⁵:

Brasil: 1 medalha de prata, 1 de bronze

Jogos Olímpicos masculinos⁶:

Argentina: 1 medalha de ouro
Brasil: 3 medalhas de bronze
Uruguai: 2 medalhas de bronze
México e Cuba: 1 medalha de bronze

Campeonatos do mundo Femininos⁷:

Brasil: 1 medalha de ouro, 1 de bronze
Chile: 1 medalha de prata
Cuba: 1 medalha de bronze

Campeonatos do mundo Masculinos⁸:

Brasil: 2 medalhas de ouro, 2 de prata, 2 de bronze
Argentina: 1 medalha de ouro, 1 de prata
Chile: 2 medalhas de bronze

Esses resultados internacionais, por mais prestigiosos que sejam, possuem somente um valor muito relativo no Brasil: sua visibilidade mediática só é garantida se eles occorem num período de “jejum futebolístico”, pois quando a seleção de futebol brilha nas competições internacionais, todos os outros esportes permanecem ignorados, quaisquer que sejam as medalhas conquistadas.

OBSTÁCULOS

O paradoxo do basquete brasileiro é que ele tem uma existência em âmbito internacional, bem como no plano regional (na parte sul do país), mas, é praticamente inexpressivo em termos nacionais, apesar da presença formal de 27 federações afiliadas

à CBB, nos 27 estados da federação. Os efetivos são macérrimos na esmagadora maioria desses estados. Como explicar que o basquete não seja um esporte de massa no Brasil?

Essa ausência de difusão massiva, como vimos antes, se explica parcialmente por razões históricas e sociais. Também podemos explicá-la pela precariedade de infra-estruturas. A exemplo do que ocorre a muitos outros esportes, no Brasil, para se desenvolver, o basquete se ressentia da falta de instalações suficientes, sejam elas estádios de atletismo, piscinas ou quadras. Nem todas as regiões do país têm os recursos financeiros, nem a densidade empresarial suficiente para manter clubes profissionais de basquete, e até mesmo de futebol.

A mediocridade da difusão do basquete em âmbito nacional pode também ser explicada pela necessidade básica, nesse esporte, de se dispor de uma quadra com piso de superfície lisa e dura, em um país em que a grande parte dos lazeres acontece na areia das praias ou em várzeas. Esportes como o vôlei se adaptaram perfeitamente ao contexto balneário dos lazeres brasileiros: hoje, o “vôlei de praia” é muito mais praticado que o tradicional “vôlei de quadra”. Este exemplo de um esporte pouco praticado na origem e que conheceu uma massificação inegável, graças à sua balnearização, nos faz pensar que, talvez, haja uma esperança de difusão do basquete, se for encontrada uma forma de ser jogado na areia. Curiosamente, tais versões do basquete começaram a aparecer, recentemente, não no Brasil, mas nos Estados Unidos e na França.⁹

Um outro fator de explicação pode ser relacionado à altura dos jogadores, num país em que segmentos populacionais de certas regiões padecem de problemas de desnutrição há várias gerações, acarretando conseqüências na estatura média dos habitantes. Ressalte-se que a cesta de basquete fica a 3,05 metros de altura, para qualquer jogador. Ao contrário do futebol, o basquete favorece os jogadores altos e desfavorece os baixos. Isso não quer dizer que não existam indivíduos altos e dotados de corpos atléticos nas camadas pobres da população. Mas, esses indivíduos não vão espontaneamente em direção ao basquete; e

sim, direcionam-se mais para o futebol, que é a via real da profissionalização esportiva no Brasil.

QUAL O FUTURO PARA O BASQUETE BRASILEIRO?

Um projeto de circuito comercial, com o modelo da NBA e em concorrência com as competições da CBB, foi lançado por um empresário (João Henrique Areias), em parceria com Oscar Schmidt. O fracasso desse projeto, em 2003, revela a desconfiança dos investidores em relação às empresas-clubes, cujas capacidades de gestão são notoriamente pouco confiáveis. Este insucesso reflete também o fim de uma “época dourada” do basquete, a partir de meados dos anos 1990, no Brasil como no resto do mundo. Nota-se também, no país, o início de um declínio nas competições internacionais,¹⁰ com a aposentadoria do *Mão Santa* (Oscar Schmidt). Baixou também o nível dos campeonatos femininos estaduais, sobretudo o de São Paulo, com a emigração das melhores jogadoras para os Estados Unidos e para a Europa. Em compensação, talvez essas “migrantes do esporte”, pelo fato de freqüentarem os melhores campeonatos mundiais, tragam de volta para o Brasil uma elevação do nível da equipe nacional. Neste ponto, também, o basquete está ainda seguindo o exemplo do futebol, para o melhor e para o pior.

NOTAS

- 1 O “novo esporte” está presente na China, no Japão e nas Filipinas desde 1893.
- 2 Oscar Schmidt, o *Mão Santa*, é um jogador excepcional: titular de todos os records do basquete brasileiro, participou de cinco olimpíadas (de 1980 a 1996) e obteve o recorde olímpico de pontos (1093).
- 3 Essa ambigüidade em relação ao modelo americano explica o limitado número de revistas especializadas, no basquete (um único título, com difusão medíocre). De fato, esse tipo de imprensa se apóia geralmente sobre as estrelas da NBA, um tipo de jogadores que não constitui um modelo de identificação comum no basquete brasileiro.
- 4 Medalhas do Brasil em Jogos Pan-Americanos Femininos, desde sua fundação, em 1951, na Argentina (entre parênteses o país organizador) – Ouro: em 1967 (Canadá), 1971 (Colômbia e 1991 (Cuba). Prata: em 1959 (USA), 1963 (Brasil) e 1987 (USA). Bronze: em 1955 (México), 1983 (Venezuela) e 2003 (República Dominicana). Medalhas do Brasil nos Jogos Pan-Americanos *Masculinos*, desde sua fundação, em 1951 na

- Argentina (entre parênteses o país organizador) – Ouro: 1971 (Colômbia), 1987 (USA), 1999 (Winnipeg) e 2003 (República Dominicana). Prata: em 1963 (Brasil), 1983 (Caracas). Bronze: em 1951 (Argentina), 1955 (México), 1959 (USA), 1975 (México), 1979 (Porto Rico) e 1995 (Argentina).
- 5 O Brasil nos JO *femininos* (desde 1976, em Montreal) – 1976-1988: não qualificado. Barcelona, 1992: sétimo. Atlanta, 1996: prata. Sidney, 2000: bronze. Atenas, 2004: quarto.
 - 6 O Brasil nos JO *masculinos* (desde 1936, em Berlim) – Londres, 1948: bronze. Tóquio, 1964: bronze. Seoul, 1988: quinto. Barcelona, 1992: quinto. Atlanta, 1996: sexto. Sidney, 2000 e Atenas, 2004: não qualificados.
 - 7 O Brasil nos Campeonatos do mundo *femininos* (desde 1953, no Chile): medalha de ouro na Austrália, em 1984 e medalha de bronze no Brasil, em 1971.
 - 8 O Brasil nos Campeonatos do mundo *masculinos* (desde 1950, na Argentina): medalhas de ouro em 1959 no (Chile) e 1963 (no Brasil) e 1970 (na Iugoslávia); bronze (no Uruguai) e 1978 (nas Filipinas).
 - 9 Para jogar na areia, basta parar de driblar.
 - 10 O time masculino não participou dos JO de Sydney (2000), nem de Atenas (2004).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Basket Brasil* (1998-2002), revista oficial da Confederação Brasileira de Basket-ball, Rio de Janeiro.
- DAIUTO, Moacyr (1991). *Basquetebol, origem e evolução*. São Paulo: Iglu editora.
- Larousse cultural – Enciclopédia alfabética em um único volume* (1987). São Paulo: Editora Universo.
- MANHÃES, Eduardo Dias (1986). *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- RUBIO, Katia (2004). *Memória e imaginário de atletas medalhistas olímpicos brasileiros*. São Paulo: USP-EEFE.
- Brasil dia-a-dia – Especial almanaque* (s/d) São Paulo: Editora Abril.